

MULTICULTURALISMO E TRANSFORMAÇÃO

Adriana do Carmo Corrêa Fontes ¹

Resumo: A pesquisa qualitativa teve por objetivo identificar quais mecanismos favorecem o processo de transformação social, tarefa central do multiculturalismo crítico. Para tanto, consideramos contribuições da etnografia, priorizando o estudo do “tipo etnográfico”. A investigação se desenvolveu na Associação Beneficente São Martinho, ou melhor, no projeto *Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua* – que tem por finalidade proporcionar o posicionamento crítico de meninos e meninas que vivem nas ruas e transformar a ordem social vigente – e utilizou os seguintes instrumentos de coleta de dados: análise documental, entrevista, questionário e observação participante. O quadro teórico privilegiou autores do pensamento crítico, principalmente os dos estudos multiculturais e apostou no diálogo com outros campos teóricos. Ao final, foi possível concluir que as atividades desenvolvidas possuíam potenciais multiculturais. Além disso, o diálogo, a valorização das diferenças, o respeito à autonomia dos educandos e as abordagens de rua foram as estratégias e os mecanismos utilizados em prol da transformação social.

Palavras-chave: iniquidade, identidade e diferença

Introdução

Iniciamos este artigo com um questionamento ou, quem sabe, uma provocação. *Que país é este?* Decerto, as respostas serão múltiplas e revelarão as contradições de nosso país. No entanto, estarão articuladas aos marcadores identitários de seus oradores. Diversas vozes serão ouvidas, algumas enaltecendo os privilégios, outras implorando acesso aos mesmos e clamando justiça, justiça... O curioso, é que todas ecoam do Brasil. Pátria amada? Idolatrada? Salve, salve? De fato, muitos desejam ser salvos das garras de seus algozes, da desigualdade, do capitalismo e dos preconceitos. O pluralismo de vozes revela um país multicultural e contraditório.

Falamos de um país pluricultural e extremamente desigual; para esta constatação, não é necessária uma pesquisa, basta olharmos as disparidades dos grandes centros urbanos

brasileiros onde a miséria e a riqueza convivem lado a lado. Enquanto uns gozam de seus privilégios, outros imploram por eles. É este jogo de antíteses que caracteriza o Brasil, de um lado uma pequena parcela privilegiada e de outro uma enorme massa desfavorecida. Coincidência ou não, os desprivilegiados não têm seus marcadores identitários valorizados socialmente. A este propósito, Gentili (2008) assinala, “os pobres brasileiros são mais pobres se forem negros, índios, mulheres ou nordestino” (p. 121).

Incomodadas com tamanha perversidade, entramos na luta por justiça social, seja no campo teórico ou empírico. Buscamos meios para que, através do multiculturalismo e da educação, cidadãos por ora excluídos tenham oportunidade de refletir sobre as injustiças e contradições que assolam suas identidades e reagir quando submetidos a posturas preconceituosas e estereotipadas. Para isso, ancoramos nossos estudos no multiculturalismo crítico, movimento teórico, político e social que preconiza a valorização das diferenças e questiona as relações sociais desiguais, tendo como tarefa a transformação social. De seus representantes, destacamos autores tais como Canen (2007), Canen e Canen (2005), Canen e Moreira (2001), McLaren (1999 e 2001). Este artigo apresenta os resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida num projeto social, localizado na Lapa, Rio de Janeiro.

Muitas iniciativas buscam transformar a ordem social vigente, aqui destacamos as realizadas pela Associação Beneficente São Martinho. A pesquisa se desenvolveu num de seus projetos, o “Ao encontro dos meninos em situação de rua”, com o objetivo de investigar a transformação social enquanto tarefa central do multiculturalismo crítico, num projeto social que tem o propósito de transformar a sociedade vigente, identificando os meios pelos quais ela se processa, naquele caso específico. Fazem necessárias as questões de estudo abaixo:

- Quais são, a partir da literatura multicultural crítica, os mecanismos ou as estratégias empregadas no processo de transformação?
- Como, em um caso específico referente a um projeto de educação informal, desenvolvem-se estratégias multiculturais e que potenciais apresentam para a transformação social?

Para atender aos objetivos propostos, seguimos as orientações da abordagem qualitativa e do estudo de caso do “tipo etnográfico” (ANDRÉ, 1998), dado o contato direto com o campo e a interação entre os sujeitos da pesquisa. Para a coleta de dados, utilizamos análise documental, observação participante, entrevistas e questionários. A entrevista semi-

estruturada se direcionou para a equipe técnica, constituída por pedagogas e assistentes sociais e os questionários para os educadores sociais.

O projeto em questão atende crianças e adolescentes de 6 a 17 anos em situação de rua, com o objetivo de proporcionar posicionamento crítico e transformar a ordem vigente. É composto por oito educadores, duas assistentes sociais, uma pedagoga e uma coordenadora com formação pedagógica, desenvolvendo ações sócio-educativas emancipatórias, fundamentadas nas contribuições de Freire e Gramsci. De suas ações, destacamos as abordagens sociais de rua, realizadas prioritariamente pelos educadores que vão aos locais onde se encontram os (as) meninos (as), para desenvolverem atividades pedagógicas. Também, ressaltamos a atuação da equipe técnica nos espaços de formação e discussões políticas, dentre eles o Conselho Tutelar e a Secretaria Municipal de assistência, saúde e segurança.

É possível um diálogo com campos teóricos contrastantes?

Avançamos na discussão na medida em que atrelamos subsídios da teoria crítica e da marxista, demonstrando sua articulação com os pressupostos multiculturais. O multiculturalismo problematiza diferenças, identidades e aponta para a transformação social, sua tarefa central (MCLAREN, 1999). Para o referido autor, o capitalismo é o maior responsável pela desigualdade e desvalorização das identidades não dominantes. “Quero enfatizar que sem derrotar o capitalismo, as lutas anti-racistas, anti-sexistas e anti-homofóbicas terão pouca chance de obterem sucesso” (2001, p. 182). Este artigo, portanto, se estrutura em três eixos de análise: transformação e multiculturalismo, Culturas e Retórica.

Transformação e multiculturalismo

Muitos são os sentidos atribuídos ao multiculturalismo. Neste estudo, interessa sua vertente crítica, que se afasta da folclórica na medida em que problematiza as relações desiguais de poder e os preconceitos, buscando voz e vez para identidades socialmente marginalizadas. De seus representantes, destacamos Canen (2007), Canen e Canen (2005), Canen e Moreira (2001), McLaren (1999; 2001). Trata-se de um movimento social, político e

cultural que busca ampliar o espaço para vozes silenciadas, questionando visões estereotipadas. Segundo Canen (2007),

O multiculturalismo crítico ou perspectiva intercultural crítica busca articular as visões folclóricas a discussões sobre as relações desiguais de poder entre as culturas diversas, questionando a construção histórica dos preconceitos, das discriminações... (p.93).

Canen (2007) e Canen e Moreira (2001) trazem para a discussão multicultural categorias como diferenças, desigualdades, identidades e hibridização. Já McLaren (2001) ressuscita o marxismo. Para ele, a maior luta do multiculturalismo crítico é contra a divisão social de classes, assim aproximando-se das reflexões de Gentili (2008), Frigotto (2006) e Cardoso (2006). O mais interessante é que, de pontos de partida diferentes, todos lutam pela construção da sociedade menos injusta, fraterna e igualitária.

Apesar dos contrastes, esses autores compreendem a necessidade da transformação social e reconhecem o capitalismo como responsável pelas desigualdades e exclusões de milhares de pessoas. “Desenvolver-se de modo desigual é próprio do capitalismo. A expansão do capital se faz criando desigualdades” (CARDOSO, 2006, p. 35). É nítido, tanto na teoria crítica, como na marxista, que as desigualdades são produzidas e mantidas pelo capitalismo, objeto de suas denúncias.

A sociedade formada nos princípios do capitalismo não é capaz de estabelecer relações justas e multiculturais críticas, pelo contrário, aprofunda o abismo entre ricos e pobres e acirra a subalternização dos que não têm sua identidade valorizada. A este propósito, Gentili (2008) afirmou que são mais pobres negros, mulheres, nordestinos. Para reverter este quadro dramático, o multiculturalismo, movimento político, social e teórico, preconiza o perfilhamento de identidades marginalizadas e a valorização de suas diferenças, independente de classe social, raça, religião etc.

(...) temos apontado que as perspectivas multiculturais, grosso modo, podem ser delineadas desde visões mais liberais ou folclóricas..., até visões mais críticas, cujo foco é, justamente, o questionamento a racismos, sexismos e preconceitos de forma geral, buscando perspectivas transformadoras nos espaços culturais, sociais e organizacionais (CANEN; CANEN, 2005. p. 42).

A perspectiva transformadora está presente no multiculturalismo e nas contribuições marxistas, porém, é pouco problematizada. Para preencher esta lacuna, buscamos aportes em Gandin (1997 e 2007). “Querer uma transformação não é tudo: são necessárias uma proposta consciente e uma metodologia adequada para alcançar algo” (GANDIN, 2007, p.18). Segundo suas contribuições a metodologia é fundamental.

O que tem a nos dizer sobre identidade a pós-modernidade?

A pós-modernidade evidenciou algumas categorias, das quais a identidade se destaca. Hoje se intensificam os diálogos a seu respeito, evidenciando sua construção híbrida e se contrapondo à modernidade, que defende uma identidade fixa e universal, ignorando os marcadores identitários e enaltecendo um marcador mestre. A concepção multicultural nega o reconhecimento de marcadores mestres e assinala o pluralismo que constitui as identidades, como prefere Hall (2006).

Canen e Oliveira (2002) apontaram o hibridismo e a identidade como categorias centrais no multiculturalismo. A hibridização é tensionada no processo de construção das identidades, que deixa de ser universal, baseada em um marcador mestre e se torna transitória e dinâmica, em virtude da pluralidade de seus marcadores e das interações com os diversos contextos. A identidade não é fixa. Neste sentido, apontamos para um diálogo fecundo entre multiculturalismo crítico e pós-modernidade, na medida em que se aproximam de uma concepção de identidade móvel, híbrida e em permanente processo de construção, se opondo ao projeto moderno que valoriza e anuncia a identidade imóvel.

Culturas

Privilegiamos a definição de cultura da Antropologia Social, dada sua adequação ao estudo. De seus representantes, ressaltamos Geertz (1989), que define cultura como um conjunto de práticas produzidas na interação dos sujeitos em seus contextos. Trata-se de sentidos e significados construídos nos mais diversificados espaços, onde são compreendidos, por estarem estritamente relacionados ao local de sua construção. Fora dele, no entanto,

podem ocasionar estranhamento, em virtude das diferenças e dos marcadores identitários de seus praticantes.

Com base nos propósitos de Geertz (1989), a superioridade cultural perde a razão. As culturas são diferentes, em virtude da heterogeneidade dos contextos sociais onde são produzidas. “A palavra cultura evoca, portanto, o conjunto de práticas por meio das quais significados são produzidos e compartilhados em um grupo” (CANEN; OLIVEIRA, 2002, p. 19). No multiculturalismo não há cultura, mas sim culturas - explicitando a pluralidade que envolve o termo, e a impossibilidade de sua hierarquização por um grupo.

No entanto, a não paridade cultural ocasiona preconceitos e exclusões. Grande parte dos excluídos não possui marcadores identitários valorizados e são, em sua maioria, negros, analfabetos, homossexuais, pobres, meninos de rua e outros. Não pertencer às classes dominantes, no Brasil, é o suficiente para não se deleitar nos direitos assegurados na Constituição de 1988, daí a atualidade das proposições marxistas.

A tensão relativismo e universalismo, presente na Antropologia Social, é explicitada no multiculturalismo, sendo a teoria relativista mais pertinente aos seus propósitos, mas sem extremismos. Dogmatismo não é coerente com esta perspectiva.

A teoria relativista se coaduna com nossos propósitos, na medida em que reconhece o pluralismo das práticas culturais, sem inferiorização de nenhuma. Todas as culturas estão incluídas e são compreendidas como produção de sentidos, atreladas aos contextos sociais ou teias de significados onde estão imersas, como sugere Geertz (1989). Em contrapartida, o universalismo ancorado no marcador identitário mestre nega a hibridização das identidades e impossibilita a valorização e o respeito às diferenças, sendo incompatível com os pressupostos do multiculturalismo crítico.

Retórica, subsídio para uma ação transformadora

As iniciativas transformadoras necessitam conquistar adesão de muitos auditórios e, para isso, se ancoram no diálogo. A Nova Retórica, anunciada por Perelman (2004), se atrela ao estudo, na medida em que oferece subsídios para o desenvolvimento de práticas argumentativas significativas, das quais o conhecimento prévio dos valores, neste caso, das identidades que constituem seu auditório. “A teoria da argumentação estuda as técnicas

discursivas que permitem provocar ou aumentar a adesão das mentes às teses que se apresentam ao seu assentimento” (PERELMAN, 2004, p. 304).

Para atingir seus objetivos, o “Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua” emprega algumas estratégias, dentre as quais, o diálogo. A teoria da argumentação oferece subsídios para aqueles que desejam conquistar adesão de seus auditórios através de práticas discursivas.

Para Gandin (2007), a mudança se sedimenta pela reprodução consciente do novo paradigma, portanto conhecer os processos que possibilitam a construção de argumentos sedutores é imprescindível. “Falo da transformação que envolve o crescimento da consciência crítica. Neste caso, o grupo, o movimento ou a instituição deve compreender que se encontra, sempre, num processo de reproduzir” (p. 18). Trata-se da reprodução consciente e crítica, capaz de libertar e lançar bases para a construção de valores contrários aos sedimentados, neste caso específico, justiça, equidade, solidariedade.

Os paradigmas teóricos adotados denunciam as injustiças geradas pelo capitalismo e preconizam a reconstrução da sociedade a partir da valorização das diferenças e da democratização dos privilégios e, para o assentimento de suas teses, é preciso argumentos que afetem o auditório. Para tanto, torna-se imprescindível conhecer os marcadores identitários de raça, cultura, religião e outros, dos ouvintes. “Os processos argumentativos são os “mecanismos” pelos quais os grupos sociais mantêm sua identidade, suas crenças, valores e assimilam novos conhecimentos” (MAZZOTTI; OLIVEIRA, 2000, p. 49).

A Nova Retórica, a partir das técnicas argumentativas, contribui para os trabalhos que se pretendem transformadores, já que se ancora na persuasão e não na imposição. O objetivo é conquistar adesão e não oprimir os sujeitos, como faz o capitalismo. “O objetivo do diálogo é, se possível, conseguir o apoio de toda a audiência aos nossos argumentos ou, pelo menos, ganhar seguidores para nossa causa apresentada e justificada” (PERELMAN, 2004, p. 76). O diálogo auxilia as práticas transformadoras a conquistarem a adesão de seu público. Por isso, articulamos teoria da argumentação e transformação social.

Resultados...

- **Os documentos**

O projeto objeto do presente estudo tem por objetivo “proporcionar posicionamento crítico de crianças e adolescentes em situação de risco social nas ruas, objetivando a transformação da ordem social” (ALKMIM, et. al, 2007, p.18). A transformação está no cerne das preocupações da equipe e também no multiculturalismo e nas contribuições marxistas.

McLaren (1999; 2001) defende a centralidade da transformação e responsabiliza a ordem social vigente pelas relações sociais desiguais. Coadunam-se com suas reflexões as de Cardoso (2006), ao ressaltar que as relações sociais desiguais são produtos da sociedade capitalista. Trechos deste documento revelam que a equipe do projeto compartilha dessas proposições. “É preciso entender a ida para as ruas como parte de um problema maior que não envolve apenas aqueles que sofrem as consequências desta sociedade produtora de tantas desesperanças” (ALKMIM, et. al, “Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua”, 2007, p. 17). Para Gandin (1997), conhecer a realidade é um mecanismo que possibilita as ações transformadoras, desta maneira identificamos que a compreensão da realidade é um dos instrumentos adotados em prol da transformação.

Se, hoje, o objetivo do projeto em tela é o posicionamento crítico e a transformação da ordem social vigente, isso se deve à mudança paradigmática sofrida no ano de 2005. Antes, o trabalho se caracterizava no assistencialismo. O novo posicionamento se assenta na pedagogia crítica e propõe ações emancipatórias, articuladas à reflexão e fundamentadas nos trabalhos de Freire e Gramsci. Essa nova postura ressalta a metodologia que, para Gandin (2007), é imprescindível para transformação social. “No decorrer de sua história os profissionais do projeto revêem e repensam sua metodologia. Buscando uma postura menos assistencialista e mais emancipadora, em 2005 o projeto se reformula” (ALKMIM, et. al., “Ao Encontro dos meninos em situação de Rua”, 2007, p. 4).

Destacamos a importância da metodologia, mas sem extremismo – que é algo incompatível com o multiculturalismo crítico. O método não pode ser confundido com “*camisa de força*”. Cabe estacar, também, que, apesar de mencionada, não encontramos no documento sua sistematização. Esta, talvez, seja uma questão a ser revisitada pelo grupo que

pretende transformar a ordem social vigente. A metodologia e o conhecimento da realidade são apontados como mecanismos transformadores por este autor e estão presentes no documento.

Além deste, ancoramos nossas reflexões nos dados do relatório semestral.

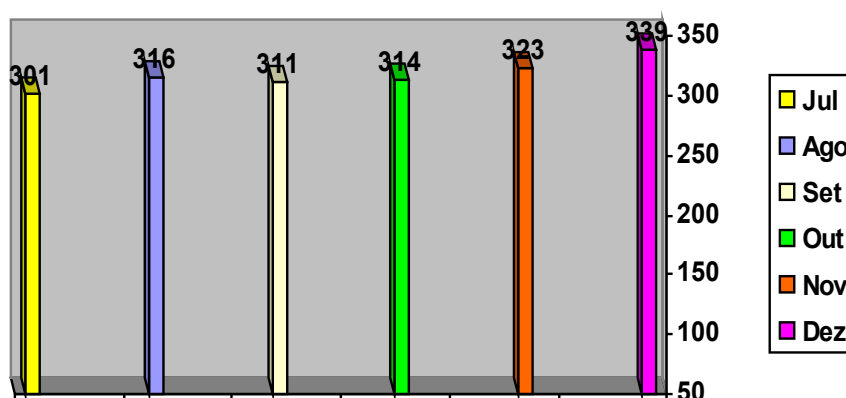


Gráfico 1 relação mensal de educandos atendidos na abordagem social de rua

(Fonte: ALKMIM, [et.al.], relatório semestral “Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua”, julho a dezembro de 2007, s/p).

De acordo com os dados da figura acima, 1904 crianças e adolescentes foram abordados nas mais diversas localidades. Este número inclui novos e antigos, não sendo contabilizado o número de crianças e de adolescentes que tenham passado pelo projeto por um período inferior a 24 horas.

Com base nas informações da figura 1, percebemos o quanto é cruel a sociedade capitalista, afinal são 1904 *crianças e adolescentes* vivendo em situação de rua. Estes, por sua vez, não têm seus marcadores identitários valorizados e sofrem as consequências de um problema estrutural, a desigualdade, como ressalta este documento.

A dimensão qualitativa se ancorou no terceiro ponto deste documento, que diz respeito à análise da conjuntura social. Nele, avaliam-se os fatores que interferiram no desenvolvimento das atividades e no contexto onde se inserem crianças e adolescentes em situação de rua. Os profissionais apontaram como a conjuntura social local e global intervém no cotidiano destes sujeitos, provocando algumas reações e modificando comportamentos. “Neste 2º semestre de 2007, vivemos mais um período conturbado. O número crescente de

operações policiais, tanto nas comunidades quanto nos bairros, re-desenha os grupos que têm as ruas como referência única e/ou principal em suas vidas” (ALKMIM, et. al., relatório semestral “Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua”, julho a dezembro de 2007, s/p).

Este e outros fragmentos revelam o posicionamento crítico da equipe acerca da estrutura social, a nível macro, que condiciona as ações e a inserção dos sujeitos na sociedade. Assim, organizam suas atividades respeitando a dinâmica dos educandos e suas especificidades. Projetos comprometidos com a transformação avançam quando reconhecem a estrutura social como responsável pela posição de alguns sujeitos no mundo, como é o caso do “Ao Encontro dos Meninos em Situação de Rua”.

A observação participante caracterizou todos os momentos da pesquisa, incluindo as atividades externas, como a do salão de cabeleireiro escola do Senac, a ser descrita, a seguir.

- **A identidade moderna em evidência. Meninos (as) em situação de rua no salão de beleza**

Para proporcionar posicionamento crítico de crianças e adolescentes em situação de rua e transformar a dinâmica social vigente, o projeto conta com o auxílio de alguns parceiros, como o salão de beleza-escola, onde os educandos têm a oportunidade de cuidar do visual. Dos serviços oferecidos, destacamos cortes de cabelo, hidratação, escova com prancha, penteados e outros. Para esta atividade, os educadores selecionaram alguns educandos.

A alegria e a empolgação dos educandos caracterizaram este encontro. Enquanto eles se divertiam, as alunas do salão de beleza-escola se apavoravam, o medo estava evidente em seus olhos, foram surpreendidas, não sabiam que atenderiam crianças e adolescentes de rua, talvez este tenha sido o motivo do choque e do medo.

Dos acontecimentos, destacamos a postura dos educandos, que agiram como sujeitos do processo de embelezamento. Escolhiam os serviços e opinavam sobre o trabalho executado, criticando quando não satisfeitos. Um dos meninos, extremamente chateado, reclamou: “meu cabelo está todo torto, não vou sair daqui assim não”. A professora, imediatamente, resolveu o problema: acertou o corte e relatou a apreensão e o nervosismo das alunas diante do público atendido.

Quando os (as) meninos (as) deixaram o espaço na companhia dos educadores,

algumas colocações foram feitas, reproduzidas a seguir: **aluna 1:** “não trabalhei sossegada, eles podem agredir a gente lá fora, caso não gostem do nosso trabalho, são ladrões”; **aluna 2:** “quando for para atender menino de rua, não venho para aula, morro de medo desses pivetes”; **aluna 3:** “é um absurdo, ele só tinha 10 anos e só falava em drogas, fiquei com muito medo. Ele já usa crack”. As alunas demonstraram insegurança e intranquilidade e criticaram a professora por não lhes ter informado sobre a visita das crianças e dos adolescentes de rua.

Finalizando, a professora expressou o seu sentimento com relação ao exposto: “eu confio no trabalho da São Martinho e sabia que vocês não estavam correndo riscos, nem todo menino de rua é bandido, e os educadores estiveram com eles todo o tempo”.

A desigualdade em suas diversas formas é intrínseca ao Brasil, sendo próprio do capitalismo o desenvolvimento desigual; portanto, os incluídos perversamente na lógica do capital sentem mais de perto suas perversidades.

(...) os chamados marginalizados, que são os oprimidos, jamais estiveram *fora de*. Sempre estiveram *dentro de*. Dentro da estrutura que os transforma em “seres para outro”. Sua solução, pois, não está em “integrar-se”, em “incorporar-se” a esta estrutura que os oprime, mas em transformá-la para que possam fazer-se “seres para si” (FREIRE, 1987, p. 61).

Segundo Freire, a transformação social é capaz de reorganizar a ordem social predominante e grupos social e historicamente excluídos gozarão de melhores condições de vida. A realidade de meninos (as) em situação de rua confirma ser a exclusão marca indissociável da sociedade brasileira.

Este encontro revelou como meninos e meninas em situação de vulnerabilidade sofrem duplamente as perversidades sociais. São humilhados e oprimidos pela lógica capitalista e ainda suportam posturas preconceituosas. No entanto, analisando a conjuntura social brasileira, percebemos que, sentir medo de crianças e adolescentes em situação de rua, é perfeitamente compreensível. O que não podemos perder de vista é que se trata de crianças e adolescentes vítimas de um passado e presente excludentes, que condicionam sua existência e sua formação identitária. Eles não nasceram assim, eles se construíram deste modo.

Como sujeitos históricos, estamos engendrados numa realidade concreta, numa teia de significados (GEERTZ, 1989) existente antes de nosso nascimento e, é nela que moldamos nossa identidade e constituímos nossa cultura. Apesar disso, a sociedade capitalista focaliza o

indivíduo e ignora a ideia de construção social, acirrando visões preconceituosas e ampliando o abismo que segrega ricos e pobres. Para Hall (2006), as identidades são construídas com base nas relações dos homens com o meio, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato (...)” (p. 38).

Segundo Hall, a identidade é constituída, sendo assim, não podemos descartar o peso da história e do social neste processo de construção. Na perspectiva multicultural, a identidade não é fixa, mas transitória e formada por diversos indicadores, deste modo, o menino em situação de rua possui vários marcadores identitários, dos quais viver na rua. Esta perspectiva supera a ideia de um marcador mestre que congela a identidade e reforça preconceitos do tipo “não trabalhei sossegada, eles podem agredir agente lá fora, caso não gostem do nosso trabalho, são ladrões”.

A hibridização proposta por Canen e Oliveira (2002) nega qualquer possibilidade de reducionismo identitário, reconhecendo as diferenças dentro das diferenças e o caráter transitório da identidade em permanente formação. Logo, além da marginalidade associada a crianças e adolescentes em situação de rua, destacamos outros indicadores tais como etnia, classe social, raça, religião, sexo, idade e orientação sexual, dentre outros. Segundo Hall (2006, p. 75), “somos confrontados por uma gama de identidades (...)”.

A presença dos educandos no espaço gerou insegurança, medo e desconforto. Naquele momento, sua identidade se reduziu ao marcador identitário *pivete*. Fazemos nossa história conforme as condições sociais concretas. Assustar-se com meninos (as) de rua faz parte do senso comum, dadas as circunstâncias atuais. No entanto, chamamos atenção para o reducionismo identitário e o radicalismo que favorecem o julgamento, a partir da ótica etnocêntrica, que associa todos a marginais. “Quando for para atender menino de rua não venho para aula”.

A identidade coletiva “meninos de rua” marca o indivíduo e, dentro desta ótica, ela é fixa e imóvel. A este propósito, Hall (2006) enfatiza identidade(s), focando seu caráter múltiplo, constituído por diferentes marcadores identitários, por sua vez, ignorados quando se trata de sujeitos excluídos do processo social capitalista. A valorização da pluralidade contribui para discussões multiculturais e para a transformação social, desafiando posturas preconceituosas.

Neste encontro, embora bastante resistentes, as alunas perceberam que os (as)

meninos (as) em situação de rua não são apenas marginais, pois não foram agredidas, roubadas, nem desrespeitadas e a fala da professora confirma a necessidade de pensarmos sobre nosso radicalismo: “eu confio no trabalho da São Martinho e sabia que vocês não estavam correndo riscos, nem todo menino de rua é bandido, mas em sua grande maioria crianças e adolescentes”. Ressaltamos que esta iniciativa colaborou com o processo de transformação social, pois forçou as alunas do salão a refletirem sobre seus preconceitos e analisarem, de modo crítico, nossa sociedade.

Apesar do multiculturalismo não ser um campo teórico privilegiado, de forma explícita no projeto, as ações nele empreendidas se associam a práticas multiculturalmente comprometidas, na medida em que questionam as relações desiguais de poder e respeitam as diferenças de seus educandos, ao se inserem em seus contextos para o desenvolvimento das ações sócio-educativas, como as abordagens de rua. O diálogo, o respeito às identidades e saberes dos educandos e a compreensão da realidade local e global foram mecanismos utilizados em prol da transformação.

Considerações finais

Para finalizar, retomamos nosso questionamento inicial, *que país é este?* Onde as pessoas valem pelo que têm e não pelo que são. Onde os indicadores identitários não privilegiados pelos dominantes formam a identidade de cidadãos invisíveis, já que vivem e perambulam pelas ruas e, apesar de crianças e adolescentes, são rotulados de marginais e sofrem todas as mazelas por carregarem este indicador identitário.

Apesar do contraditório contexto social, a pesquisa demonstrou que podemos modificar a situação de miséria e exclusão destinada aos diferentes que, quando negros, mulheres, crianças, favelados e pobres, dentre outros, sofrem mais intensamente as consequências de uma sociedade estruturada a partir dos ditames do capitalismo. Sendo assim, o multiculturalismo crítico pode realizar algo, mas não muito, se abdicar das contribuições marxistas que preconizam a reversão da divisão social de classes. Neste sentido, é válido para os estudos e iniciativas que se pretendem transformadores ressuscitar Marx, já que a finalidade é construir uma sociedade menos injusta, mais igualitária e solidária. Este era um sonho de Freire, agora resta para nós transformá-lo em realidade, de modo que as

respostas para a nossa indagação inicial - que país é este chamado Brasil? - sejam menos injustas e desiguais.

O projeto em questão fez a sua parte, utilizando o diálogo, a compreensão da realidade, a participação em espaços de discussão política e o respeito aos saberes dos educandos como mecanismos transformadores. E você, já fez a sua?

MULTICULTURALISM AND TRANSFORMATION

Abstract: *The qualitative research goal is to identify which mechanisms favor the process of social transformation, which is the main task of the critic multiculturalism. Therefore, the hybridization of the research methods was one of the adopted resources, in a way that, in some parts, the priority was the “ethnic type” and, in others, the action-research. The study was developed in the “São Martinho Beneficent Association”, in the Towards the Homeless Children’s project - whose purpose is to provide homeless boys and girls’ critic analysis and transform the on-going social order. The data collection instruments used were: documental analysis, interviews, questionnaires and active observation. The theoretical framework favored authors of the critic philosophy, especially those of the multicultural line. In the end, it was possible to conclude that the developed activities had multicultural potentials. Also, the dialogue, the valuing of the differences, the respect towards the students’ self-sufficiency and the approach on the streets were the strategies and the mechanisms used in favor of the social transformation.*

Key words: *inequality; identity; difference*

Notas:

¹ Doutoranda em Educação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Referências Bibliográficas

CANEN, Ana e CANEN, Alberto G, Rompendo fronteiras curriculares: o multiculturalismo na educação e outros campos do saber. **Currículo sem Fronteiras**, v.5, n.2, pp.40-49, Jul/Dez 2005.

CANEN, Ana. O multiculturalismo e seus dilemas: implicações na educação. **Comunicação e Política**, v.25, nº 2, p. 091-107, 2007.

CANEN, Ana; MOREIRA, Antônio Flávio Barbosa. (orgs). **Ênfases e Omissões no Currículo**. Campinas/ SP: Papirus, 2001.

CANEN, Ana; OLIVEIRA, Ângela M.A. de. Multiculturalismo e Currículo em Ação: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação**, n.º. 21, (p.61-74), set/out/nov/dez. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2002.

CARDOSO, Miriam Limoeiro. Sobre as relações sociais capitalistas. In: LIMA, Júlio César França (org). **Fundamentos da Educação Escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. 5.^a ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 27.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da autonomia**. 25.^a ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Fundamentos científicos da relação trabalho e educação no Brasil de hoje. In: LIMA, Júlio César França (org). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.

GANDIN, Danilo. **A prática do planejamento participativo**: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental. 14.^a ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Escola e transformação Social**. 4.^a ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GEERTZ, Cliford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GENTILI, Pablo. Desencanto e utopia: a educação no labirinto dos novos tempos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11.^a ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo crítico**. 2.^a ed. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. Fúria e Esperança: A Pedagogia Revolucionária de Peter McLaren. **Currículo sem Fronteiras**, v.1, n.2, pp. 171-188, Jul/Dez 2001.

MAZZOTTI, Tarso Bonilha e OLIVEIRA, Renato Jose de. **Ciência (s) da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PERELMAN, Chaïm. **Retóricas**. Tradução: Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 2.^a ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.